



Ana Loya
Administradora da Ray Human Capital

Há uma aldeia chamada Canavezes, no meio da serra dos Passos, perto de Valpaços, em Trás-os-Montes, onde mora a mãe de uns amigos meus.

Há cerca de duas semanas recebeu uma carta (vá lá saber-se se era da Segurança Social) a pedir-lhe para, através da internet, fazer prova de rendimentos ou outra coisa qualquer.

Ela não sabe explicar muito bem. Não é assunto da sua expertise. Ela sabe, e muito bem, preparar produtos daquela região, de elevada qualidade, planta e colhe

artigos que gostamos de mais de trazer para a cidade e que, todos dizem, sabem diferente. Porque é uma pessoa inteligente percebeu que ia receber menos dinheiro do Estado, apesar dos descontos que fez. Tal como muitos portugueses não percebe bem porquê. Sabe que, há vários anos, ninguém ajuda nas colheitas porque preferem receber o subsídio de reinserção.

Vai ficar admirada de para o ano ter voluntários. Mas caramba, senhores! Responder pela Internet? As recentes medidas relacionadas com os subsídios, nomeadamente do desemprego, inserem-se num simplex de medidas financeiras, não necessariamente

económicas, que deveriam ter sido implementadas e seguidas há pelo menos dois anos. Portugal está num estado que mais parece uma crónica de uma morte antecipada. Até que ponto estas medidas mudarão o mercado de trabalho? É difícil prever. Enquanto as empresas, sobretudo as PME, continuarem sufocadas e heroicamente combatendo a vontade de um Estado que, espero que só por ignorância, teime em destruí-las, não creio que estas medidas mudem nada. A mim, parece-me bem que as pessoas em situação de desemprego oficial aproveitem as oportunidades que o Estado lhes apresenta. É, aliás, mais fácil encontrar novas oportunidades estando ativo do que estando desempregado. Mas as medidas são sobretudo financeiras. Não preconizam melhorias sociais nem desenvolvimento económico. A este nível, Portugal continua a depender dos heróicos "Viriatos" da iniciativa privada. Agora, daqui a um ano, que balanço se fará? Não sei. Dizem que a esperança é a última a morrer. Mas não está fácil. Não se avizinham tempos fáceis, nem de grande empregabilidade. Estão na moda as perspetivas holísticas. Quem sabe se as medidas de fundo necessárias deveriam ser tomadas de modo holístico e atempadamente, com coragem e sem rodeios. Digo eu que não percebo nada de política... nem de economia.

Ou tem internet ou...